

António de Sant'Anna, a nata dos camaroteiros

MARIA VIRGÍLIO CAMBRAIA LOPES

Diz Sousa Bastos que chamar «camaroteiro» ao bilheteiro do teatro era impróprio porque ele não vendia só camarotes, transaccionava também bilhetes para outros lugares do teatro (Bastos 1994:31). O certo é que, na imprensa do século XIX, era essa a designação comumente usada, sendo também aquela que invariavelmente se encontra nos títulos e nas legendas das caricaturas da época.

Em oitocentos, as empresas teatrais viviam da bilheteira. Para se manterem abertos, os teatros necessitavam de muitas receitas e o sucesso de uma peça aferia-se em larga medida pelo produto da venda dos bilhetes. Neste contexto, o ofício do camaroteiro tinha relevância e a arte de bem vender era de uma grande valia para os teatros. Sobre o trabalho deste profissional, comentava-se:

Como ele sabe converter em magnífico lugar de plateia, em belo camarote aquilo que é simplesmente detestável! Que palavreado, que ar de tocante sinceridade!

Vender bem é uma arte e o camaroteiro que for artista consumado é pérola inestimável. Por isso o empresário é tão cheio de doçura e amabilidade para ele e por isso lhe reserva sempre a melhor peça para benefício.

(Óscar May 1879: 3)

Em Setembro de 1870, António de Sant'Anna é contratado para o lugar de camaroteiro do Teatro do Ginásio, de onde não mais saiu. Natural de Carapinheira do Campo (Montemor-o-Velho), tinha sido empregado comercial, segundo sargento de infantaria 10 e prefeito durante quatro meses no Colégio Europeu (Bastos 1898: 318). Com brio e dedicação, desempenhou

por longo tempo, o seu ofício no balcão dos bilhetes. Desde a sua contratação e contando só até 1898, Sant'Anna trabalhou com dez empresários (Bastos 1898: 318). A sua figura, indissociável da imagem da casa onde exercia actividade, foi importante na construção da identidade do Teatro do Ginásio (Magalhães 2007: 130).

Durante vinte e cinco anos (de 1882 a 1907), os periódicos de Rafael Bordalo Pinheiro vão dando nota da sua actividade, geralmente por ocasião das festas em seu benefício. Brincalhão, divertido, amigo da pândega, António de Sant'Anna tornou-se «popularíssimo, querido dos frequentadores do Ginásio e não menos querido dos empresários, artistas e donos do teatro» (Bastos 1898: 318). Era uma figura amplamente conhecida e muito elogiada na caricatura, o que também contribuiu para a sua notoriedade. Os *Pontos nos ii* não lhe poupam elogios e chamam-lhe «a nata, o requinte» dos camaroteiros, nos versos que anunciam uma das festas em sua homenagem (Fig. 1).

Sant'Anna patusco
De modos frecheiros,
Dos camaroteiros
A nata, o requinte,
No velho Ginásio,
Formoso edifício
Faz seu benefício
Na noite de 20.

Em noite de festa
Tão recomendada
Vai lá gargalhada
De três mil demónios!
Enfermos de fígado
Para cura perfeita
Lá têm a *Receita*
Dos Lacedemónios
(*Pontos nos ii* 19-11-1885)

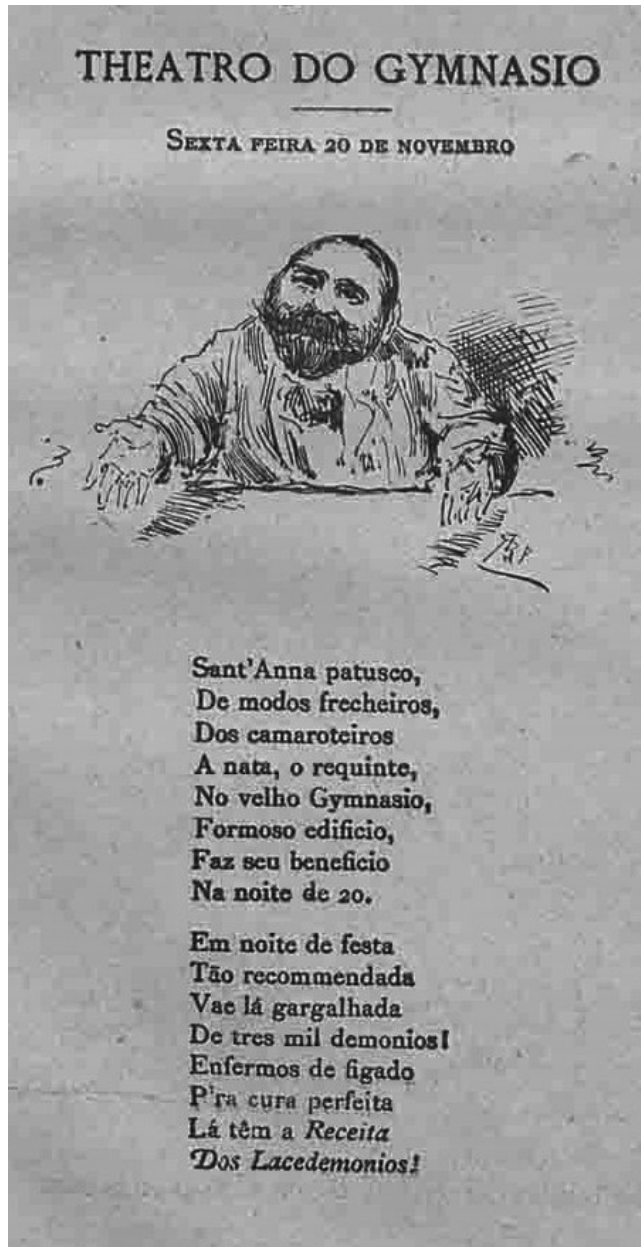


Figura 1. Pontos nos ii 19-11-1885

Que a profissão de camaroteiro requeria um perfil com determinadas características, parece não haver dúvida: capacidade de interagir com pessoas de várias classes sociais — «desde o bojudo conselheiro e o reluzente argentário até ao humilde operário» (May 1879:2) — gentileza no trato, arte da boa conversação e sobretudo talento para deixar satisfeitos todos aqueles que lhe pediam bons lugares. A avaliar pel'O António Maria, António de Sant'Anna preenchia todos esses requisitos:

O Sant'Anna, aquele tão gorducho como afável camaroteiro do Ginásio, que tem sempre reservado para os amigos um sorriso em primeira mão e um *fauteuil* da primeira fila...

(O António Maria 4-12-1884)

O camaroteiro era também um factor de coesão na empresa. À chegada ao teatro, antes dos ensaios, era com ele que os artistas conversavam. Já conhecedor das notícias dos matutinos, era através dele que os actores tinham, não raras vezes, conhecimento em primeira mão dos elogios ou das críticas na imprensa acerca das récitas da véspera. No seu quartinho discutiam-se as notas jornalísticas sobre os espectáculos, comentavam-se pontos de vista, trocavam-se opiniões, havia risos e lamentos. Quanto maior fosse a empatia do camaroteiro com os artistas, quer partilhando contentamentos quando havia elogios, quer solidarizando-se no desconsolo quando as críticas eram desfavoráveis, tanto maiores eram os laços afectivos que se estabeleciam entre todos, apesar de se manterem as relações corteses de trabalho. Por outro lado, anota igualmente May, o camaroteiro conversava muitas vezes «com algum conhecido ou amigo a quem prende à janelinha com historietas e curiosidades da vida de bastidores e mistérios de empresas» (May 1879:2), o que significa que esta figura funcionava também como elo de ligação entre o mundo dos palcos e o público.

A profissão de camaroteiro não era fácil, exigindo desde logo uma enorme entrega. Com um horário de trabalho muito longo — todos os dias, das 9h da manhã até ao fim do 2.º ou 3.º acto das peças — pode dizer-se que o camaroteiro vivia no teatro, sendo por isso presença constante no quotidiano da empresa. Daí que a sátira o mostre como uma peça da comunidade teatral. Quando, por exemplo, a companhia do Teatro D. Maria II faz as malas para uma digressão a Paris, *O António Maria* dá visibilidade aos que vão (os actores Eduardo Brasão, João Rosa, entre outros) e aos que ficam — no teatro do Ginásio, o actor Vale e o camaroteiro (Fig. 2).



Figura 2. *O António Maria* 15-6-1882

Uma das funções deste profissional era guardar e entregar as chaves dos camarotes e fazer também o atendimento aos seus ocupantes. Daí que, recorrentemente, na caricatura, Sant'Anna apareça rodeado de chaves (Fig. 3). Como foi dito,



Figura 3. *Pontos nos ii* 2-12-1886

a maior parte dos textos e imagens que nos jornais bordalianos se centram em Sant'Anna têm o objectivo de publicitar os seus benefícios. Como os ordenados eram magros, os actores e outros profissionais do teatro, entre eles o camaroteiro, necessitavam de um complemento ao que auferiam. Foram assim criadas as récitas de benefício em que a receita de bilheteira, depois de deduzidas a despesas do teatro, revertia a favor do profissional que era beneficiado. O programa da récita, acertado com ele, era geralmente longo, incluindo, com frequência, a representação de mais do que uma peça. Nessas ocasiões era também habitual a oferta de prendas ao beneficiado. Nas suas festas, de ano a ano, Sant'Anna lotava a sala, reunia os seus numerosos amigos e, numa época em que as deslocações eram difíceis e morosas, vinha gente de locais distantes de Lisboa — da Bairrada, de Carapinheira, de Alverca, de Mafra... — o que mostra a importância que era dada a estes benefícios, preparados com cuidado e com antecedência.

Foram as seguintes as récitas de benefício de Sant'Anna que os periódicos bordalianos publicitaram e que tiveram lugar, com regularidade, no final ou no princípio dos anos:

Periódicos	Ano	Dia/ Mês	Peças representadas ¹
<i>O António Maria</i>	1883	12 de Janeiro	<i>O amor londrino</i> <i>O Saltimbanco</i>
<i>O António Maria</i>	1884	17 de Janeiro	<i>O infanticida</i> <i>O tio padre</i> <i>Amor e Veneno</i>
<i>O António Maria</i>	1884	9 de Dezembro	<i>Mosquitos por cordas</i> <i>Inglês e francês</i> <i>Aldighier Júnior</i> <i>Criados Patrões</i>
<i>Pontos nos ii</i>	1885	20 de Novembro	<i>Receita dos Lacedemónios</i> <i>Aldighier Júnior</i>
<i>Pontos nos ii</i>	1886	3 de Dezembro	<i>Coupé 117</i> <i>Noite de Núpcias</i> <i>O Noivo do Procópio</i>
<i>Pontos nos ii</i>	1887	2 de Dezembro	<i>A gramática</i> <i>Três mulheres para um marido</i> <i>Os chapéus</i>
<i>Pontos nos ii</i>	1890	5 de Dezembro	<i>Hotel Luso-Brasileiro</i> <i>O comissário de polícia</i>
<i>O António Maria</i>	1894	3 de Dezembro	<i>O advogado dos diabos</i>
<i>O António Maria</i>	1897	3 de Dezembro	<i>O Gatuno</i>
<i>A Paródia</i>	1904	5 de Dezembro	<i>O meu defeito</i> <i>Sua Ex.</i> <i>Os criançasolas</i>
<i>A Paródia</i>	1906	4 de Dezembro	<i>Senhora da Paz</i>

¹ A informação dos periódicos de Bordalo Pinheiro foi complementada com a consulta do *Diário Ilustrado*.

O facto de algumas destas publicitações serem em verso é indicativo do apreço que o jornal tinha pelo homenageado (Fig. 4). Aliás, outros periódicos da época prestavam-lhe

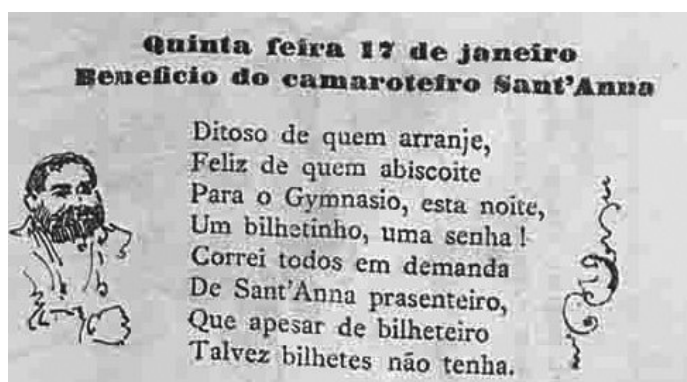


Figura 4. *O António Maria* 17-1-1884

também tributo. Em 17-1-1884, *O Diário Ilustrado* anunciava na primeira página «a casa toda passada» para ver *O Infanticida* representado pela companhia italiana de Ernesto Rossi e as duas outras peças (*O Tio Padre* e *Amor e Veneno*), levadas à cena por uma companhia portuguesa vinda «expressamente» de Évora para participar na festa do Sant'Anna que iria ter lugar nessa noite.

Desenhando-o sempre no seu posto, Rafael Bordalo Pinheiro pô-lo a ombrear com figuras relevantes da vida política e cultural do país. Em 1882, no rescaldo da primeira digressão de Sarah Bernhardt a Lisboa, na página intitulada «Restos de Sarah. O beijo real» (Fig. 5), Sant'Anna é um dos que recebe e repassa, a partir do seu compartimento, o beijo da diva, que faz um trajecto que termina no empertigado Hintze Ribeiro (1849-1907), homem importante das hostes regeneradoras. Esta página d'*O António Maria* onde, para além de Sarah, também surgem o actor Taborda, um frequentador de teatro e o camaroteiro, documenta igualmente a relevância do teatro enquanto arte preponderante ao nível cultural na sociedade lisboeta de

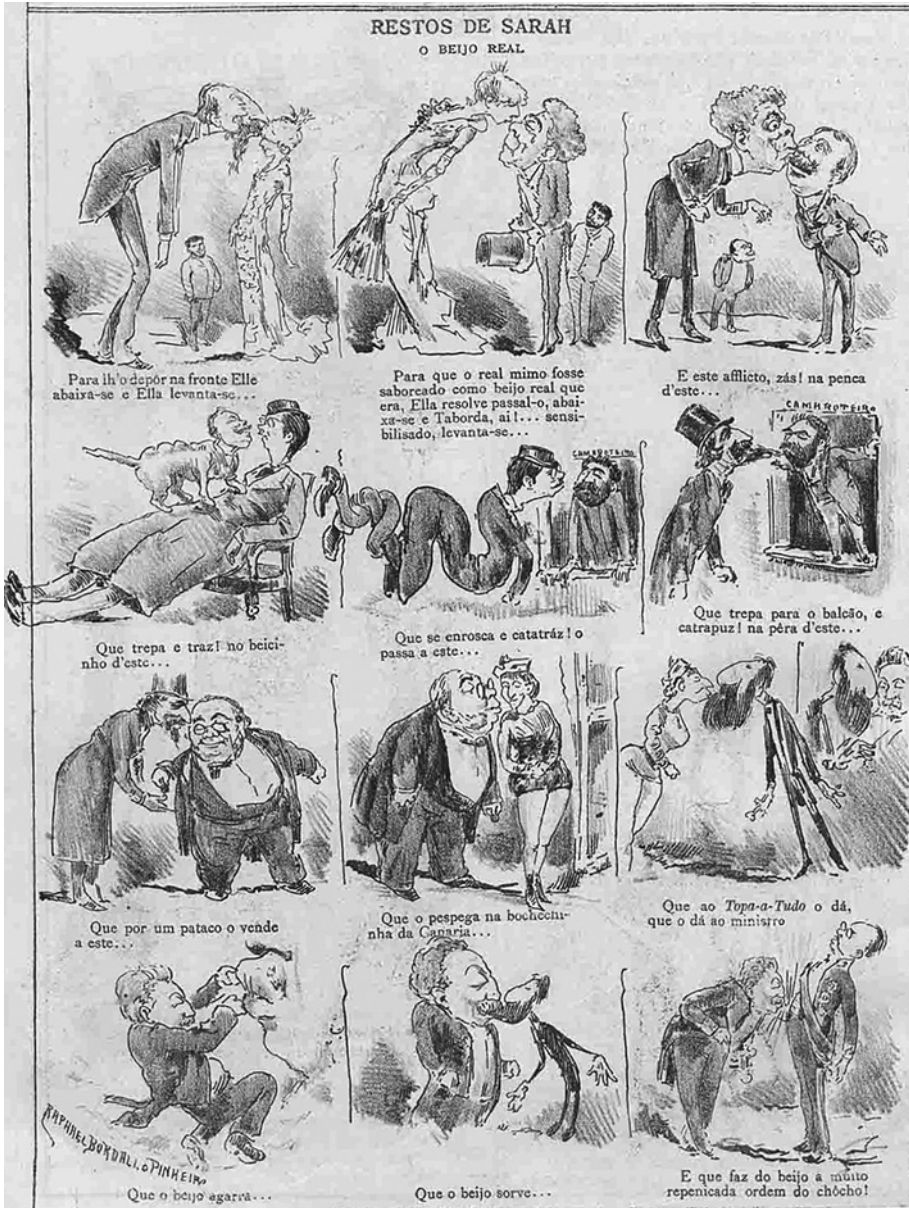


Figura 5. O António Maria 27-4-1882

finais do séc. XIX, uma arte com importantes ligações com a vida política.

Do mesmo modo em 1900, na página satírica intitulada «Apontamentos íntimos de José Luciano de Castro»² e ilustrada por Rafael Bordalo Pinheiro, entre as personalidades nacionais que o político relembra enquanto visita a exposição de Paris (como os ministros Barros Gomes e Dias Costa ou o escritor Trindade Coelho) figura o omnipresente camaroteiro Sant'Anna (Fig. 6). E, no ano seguinte, ele também aparece como personagem do episódio rocambolésco que um deputado da província, recém-chegado à capital, conta a uma prima numa carta ilustrada (Fig. 7). Ao ver o letreiro *O Hotel do Livre Câmbio*, o novato deputado julgou ter encontrado o alojamento que lhe convinha. Relata como se dirigiu a um senhor gordo e de barbas pretas, que soube logo chamar-se Sr. Sant'Anna:

Aproximei-me do balcão e perguntei familiarmente:

— Diga-me Sr. Sant'Anna, temos algum quarto devoluto no hotel?

— De boca ou de frente? perguntou-me o bom homem.

Não percebi com franqueza, mas não quis dar parte de fraco e respondi ao acaso:

— De boca, se faz favor.

Sant'Anna entregou-me então um pequeno bilhete cor-de-rosa em que colou um pedaço de selo de recibo e disse:

— Dois mil e quinhentos.

Eu continuava sem perceber, mas continuava também a não querer dar parte de fraco e paguei religiosamente os dois mil e quinhentos réis, imaginando que se tratava de um sinal adiantado. Para começar por alguma ponta, perguntei de novo:

2 José Luciano de Castro (1834-1914), chefe do Partido Progressista.

— Posso mandar buscar já as malas?

O bom homem Sant'Anna sorriu à flor dos lábios e disse com a cabeça — que sim.

Voltei à estação do caminho-de-ferro, despachei a bagagem e mandei um galego levar-me as malas ao *Hotel do Livre Câmbio*.

Agora imagine a prima com que cara eu fiquei, quando vim a saber em que meada me embrulhara! *O Hotel do Livre Câmbio* não era hospedaria, era uma comédia; e a casa onde eu tinha entrado, e onde o Sant'Anna me pedira dois mil e quinhentos de sinal era o Teatro do Ginásio onde se representava essa comédia!

Fiquei a olhar ao sinal, e para não perder tudo, nessa mesma noite me regalei, sozinho, com uma frisa de boca.

(*A Paródia* 6-2-1901)

António de Sant'Anna é o único camaroteiro desenhado nos periódicos de Rafael Bordalo Pinheiro, sendo alvo de comentários sempre elogiosos. Sabendo-se que o caricaturista era assíduo frequentador de todos os teatros, que era um profundo conhecedor da arte teatral e dos profissionais de teatro do seu tempo, a sua iconografia não deixa margem para dúvidas acerca do papel relevante do camaroteiro do Ginásio, com quem, aliás, ele conviveu toda a vida. O que sabemos deste vendedor de bilhetes vem lembrar que a História do Teatro não se faz apenas com aqueles que mais mediaticamente vivem nas luzes da ribalta. Do seu cubículo modesto, o camaroteiro António de Sant'Anna deu projecção à casa de espectáculos onde trabalhou e à qual se dedicou inteiramente, contribuindo para a notoriedade do Teatro do Ginásio, para o êxito das peças nele representadas e para a popularidade dos artistas lá escriturados. Por seu turno, a caricatura dando-lhe a mão apoiou-o no cumprimento dessa missão, catapultando-o para outro palco também com grande visibilidade na época — o da imprensa humorística e satírica.

EU NA EXPOSIÇÃO DE PARIS

APONTAMENTOS ÍNTIMOS
DE JOSE LUCIANO DE CASTRO

5 de Agosto — Comecei hoje a minha visita oficial aos diversos pavilhões das nações estrangeiras. Consegui metter-me no sequito do Scha da Persia, e assim tive a doce illusão de que o povo abria alas á minha passagem, e me sajava com sympathy.



O Scha anda sempre com pressa, e obrigou-me a correr, como se eu tambem fosse chá, a correr d'um bule.



Mas é um homem muito sympathico, muito fino, muito delicado, muito Ponchong. A sua physiognomia insinuante, aduaneira; o seu bigode farto, *ad valorem*; o seu olhar languido, mas muito fiscal, lembram-me o nosso Peito de Carvalho das Alfandegas, apenas com a differença de que o Peito é um Scha mais preto, mais corpulento, como quem diz — um chá mais forte.



Começámos pelo Pavilhão da Italia. A architectura é soberba, é inveja, é gula, é ira, é luxuria, é ociosidade. Por fóra é uma cathedra; por dentro, pão bolorento. Na secção de Nápoles ia-me succedendo uma grande sensaboria, no momento em que me inclinava para apanhar o lenço, que me cabira no chão. Estive quasi a ser victima de um attentado contra... o Scha!



Da Italia passámos á Turquia. Este pavilhão é muito bonito, e reúne os melhores modelos do estylo turco: fragmentos do antigo Serralho, do Grande Bazar dos trevintens de Constantinopla (primeira mulher do Imperador Constantino) da celebre Fonte de Ahmerd, da celebre Mesquita da Trindade, etc. etc. Contemplando os vestigios do Serralho, senti-me o *Sultão* de que fala a Trindade Coelho nos *Seus Amores*.



Ao fundo d'este pavilhão ha um panorama do Bosphoro, que é digno de ser visto. Levo d'este panorama uma excellente impressão, e uma boa rima para phosphoro.



É tambem notavel, aqui, a recon-tituição de Jerusalem e de Bethiém, pela Pampulha. Vê-se tambem a Basilica de Sant'Anna, que me fez saudades do Sant'Anna do



Gymnasio; a gruta da Natividade, que esteve em casa da Antonia; o Santo Sepulchro com o distico de — jazigo de familia; e a Via Dolorosa, onde está o consultorio de uma vidente, que lê na palma da mão o destino dos seus clientes. Como já o Resano me tivesse dito que esta mulher era uma das melhores que elle conhecia em Paris para a *bexiga*, afastei-me por alguns



momentos do Scha, e fui consultal a Ora... adeus! Não me valeu a pena. Fiquei sabendo tanto como se tivesse consultado a Procuradoria Geral da Corôa!



PARÓDIA

6 de Agosto. — Continuação do folhetim de Alberto Pimentel, á Rua das Nações. Hoje, comecei pelo Pavilhão da Noruega, que é todo pintado a óleo de figados de bacalhau. Vi o navio do celebre explorador



Nansen, que fez a viagem ao Polo Bernabé do Norte, e que está para a Noruega como o Antonio Maria Cardoso está para nós. Parece impossivel que nem o Barros Gomes, nem o Dias Costa, nem o Eduardo Villaça, que foram ministros da Marinha durante o meu ultimo governo, se lembrassem de nomear este Nansen, na sua qualidade de explorador, para a Commissão de Cartographia, ou para a Commissão de Compras!

No mar da Noruega abundam as baleias, cuja pesca representa uma das melhores fontes de riqueza para este paiz. Como se sabe, é da baleia que se arrancam as barbas para os espartilhos das senhoras, e para as varetas dos guarda-sões dos homens. Tambem se empregam nas varetas de alguns guarda-chuvas.



Na Noruega ha tambem muitas frutas, e d'ahi veiu, para a Sabedoria das Nações, aquelle celebre proverbio que, traduzido para lingua di lomatica, diz assim: *«On ne pêche pas des truites aux bragues encu-tes...»*

A pesca do bacalhau faz-se principalmente n-ss Ilhas Lufoden; e os melhores pasteis de bacalhau no Fortes.

No Pavilhão da Allemanha, receberam-me com todas as honras, nos aposentos de Frederico o Grande, que foi muito amigo de Voltaire e de arroz de marrisco. Frederico morreu celibatario, e todo o seu prazer em vida consistia na leitura, na musica, na poesia, no convivio dos bellos espiritos.



Talvez por isso, modestia á parte, a sua sombra me fala em tudo quanto aqui me cerca, e parece dizer-me:

*Chega-te a mim,
agora, agora
Chega-te a mim
a toda a hora!*



Estou muito penhorado.

Figura 6. A Paródia 10-10-1900

Cartas de Namoro

DE UM DEPUTADO

A UMA PRIMA, QUE FICOU NA PROVÍNCIA



I

Minha bem boa prima :

Até que sinal, cá estou eu em Lisboa! Cheguei perfeitamente, sem nenhum embarço no trajeto. Só depois de cá estar é que tenho sofrido um ligeiro embarço gastrico, mas Lisboa é uma terra de muitos recursos—pois basta dizer que é aqui a sede de todos os Tribunaes Superiores—e todos os embarços se resolvem logo que ha dinheiro e Seditiz Chantau.

A prima ha de desculpar estas minhas franquezas, porque bem sabe que a minha politica é a mesma do João Franco. E quando se fala a uma pessoa de amizade como a prima, não se deve reter nada do que cá vai por dentro.

Se não lhe dissesse tudo, quanto tenho sofrido de saudades na sua ausencia, acontecia-me o mesmo que me teria acontecido se não me habituasae a tomar amiduadas vezes um pequeno laxante : arrebitava!

Emquanto durar a presente sessão legislativa, preciso cumprir com regularidade estas duas prescripções—uma do meu medico, outra do meu coração: purgar-me e escrever á prima. São dois prompts alivios. Por isso, não estranhe a prima que eu muitas vezes lhe fale com o coração e... —se der licença. — com as calças nas mãos.



Logo que cheguei, dirigi-me a casa do nosso Tio Abrantes, o qual por mais de uma vez me tinha dito que, se algum dia eu saísse deputado, para casa d'elle é que havia de vir, e ficar, enquanto me demorasse em Lisboa. Sabei-se-me um grande intrujão, o Tio Abrantes, pois nem móta onde me dissera que morava, nem sequer existe a rua onde elle me tinha dito que era a sua casa. Quem tal diria, veja a prima!

O Tio Abrantes, o morgado de Ruivães, queahi deixou fama de homem de bem ás cirreitas, e de alma até Almeida, vende as quintas, abandona as terras, vem para Lisboa, mette-se na politica, gasta tudo nas eleições, enche-se de dividas, e no dia em que o fazem par do Reino e elle entra na Camara Alta, a *Vanguarda* diz lhe na cara, em boa letra redonda, que por muito me nos outros entraram na cadeia!

Como não encontrasse esse querido Tio, que já me vae parecendo um *Tio Milhões*... de diabos que o carreguem, metti-me á procura de um hotel que não me obrigasse a grandes despesas, e fui subindo o Chiado, onde me tinham dito que encontraria uns poucos. Mas nem a prima pôde fazer uma leve ideia do que seja o Chiado, com o tambem eu a não fazia! O Chiado é a grande arteria de Lisboa. D'um lado e d'outro, estão os grandes estabelecimentos da capital, as grandes lojas de modas, as grandes mercarias, os grandes clubs, as redacções dos grandes jornaes, as grandes livrarias, e os grandes hoteis.

O Hotel Borges e o Hotel Alliança são a ultima palavra no seu genero. A prima não imagina o luxo que se ostenta nestas duas casas. Só a entrada do Hotel Borges é um deslumbramento, toda revestida de espelhos com grinaldas de zysosotis, de margaridas gautieras, de leucorrhéssisinhos entrançadas em cercadura! E se a prima visse uma mesa de pau Santo-Antonio-de-Lisboa, que está no portão do Hotel Alliança, entre Portugal e a Inglaterra! É uma mesa lindissima, riquissima, e de pés torcidos—como a Marias Altonas, que casou com o delegado do Thesouro, tambem lindissima, riquissima, mas de pés torcidos!



Percebi logo que nada d'aquillo me convinha em preço, e fui continuando para cima. Um pouco adiante do Hotel A lança, vi um grande letreiro que dizia: *Hotel do Livre Cambio*, estampado á porta de um edificio de modesto aspecto.

—Cá está o que me convem, disse eu! E entrei. A' minha direita, mettido num cubiculo, e de traz d'um pequeno balcão estava um homem gordo, de barba preta, que logo eu soube chamar-se o Sr. Sant' Anna, porque alguem que entrou atraz de mim assim se lhe dirigiu.

Aproximei-me do balcão e perguntei, familiarmente:

—Diga-me, Sr. Sant'Anna, temos algum quarto devoluto no hotel?

—De bôca, ou de frente? perguntou me o bom homem.

Não percebi, com franqueza, mas não quiz dar parte de fraco, e respondi ao acaso:

—De bôca, se faz favor.

Sant'Anna entregou me então um pequeno bilhete côr de rosa, em que colou um pedação de sello de recibo, e disse:

—Dois mil e quinhentos.

Eu continuava a não perceber, mas continuava tambem a não querer dar parte de fraco, e paguei religiosamente dois mil e quinhentos réis, imaginando que se tratava de um signal adeantado. Para começar por alguma coisa, perguntei de novo.

—Posso mandar buscar já as malas?



O bom homem Sant'Anna sorriu á flor dos labios, e disse com a cabeça— que sim. Voltei á estação do caminho de ferro, despachei a bagagem, e mandei um gallego levar-me as malas ao *Hotel do Livre Cambio*.

Agora, imagine a prima com que cara eu fiquei, quando vim a saber em que menda me embulhara! O *Hotel do Livre Cambio* não era hospedaria, era uma comedia; e a casa onde eu tinha entrado, e onde o Sant' Anna me pedira dois mil e quinhentos de signal, era o Theatro do Gymnasio, onde se representava essa comedia!

Fiquei a olhar ao signal, e para não perder tudo, nessa mesma noite me regalei, sozinho, com uma irris de bôca.



Já tomei assento na Camara. Fico pegado com o Louza, que a prima combece parente das senhoras Louzas, que gostam d'aquellas cousas que se chamam concessões em Africa; e com o Alberto Bramião de Saxe Coburgo Gotha, principe das Lettras, em commissão no gabinete de leitura do Presidente do Conselho muito util para tirar nodos, ou a Parabola dos sete vimes pelo Dr. Trindade Coelho.

Logo no primeiro dia quiz pedir a palavra para defender os interesses do nosso circulo, mas fui avisado de que não é costume tratar de outros circulos enquanto se não sae do circulo vicioso da resposta ao Discurso da Corôa, da discussão do Orçamento e do *bill* de indemnidade.

A prima não sabe o que é o *bill* de indemnidade, pois não? Está como eu, como o Louza, e como o Bramião. Perguntei a varios deputados e nenhum m'o soube dizer. De maneira que, quando chegueo ao momento da votacão... aprovei! Começo a desconfiar de que foi por este mesmo systema que eu tambem fiquei approvado - em todos os exames!

Ades prima... do seu

PRIMO ANTONIO.



PENSAMENTOS

A caridade é como a mathematica : não tem conta.

ANTONIO CARREIRA.

Uma segunda bebedeira de *cognac*—eis o alcool ractificado.

BATALHA REIS.

RIMANCEIRO

Rosa fresca, rosa fresca,
Linda rosa de papel.
Quem gosta de mim é ella
Quem gosta d'ella sou elle!

GONSALVES DE FREITAS.
Tudo, etc. etc. etc.

Figura 7. A Paródia 6-2-1901

BIBLIOGRAFIA

- Bastos, Sousa, *Dicionário de Teatro Português*, Coimbra: Minerva. 1994 (edição fac-similada da edição de 1908.)
- , *Carteira do Artista. Apontamentos para a História do Teatro Português e Brasileiro*, Lisboa: Antiga Casa Bertrand – José Bastos, 1898.
- Diário Ilustrado*. Lisboa: Impr. de Souza Neves, 1872-1911. Cópia digital online: BNP, Biblioteca Nacional Digital (consultado em 18/05/2021).
- Magalhães, Paula, *Os Dias Alegres do Ginásio. Memórias de um teatro de comédia*. Dissertação de Mestrado em Estudos de Teatro, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2007.
- May, Alfredo Óscar, «O Camaroteiro», *O Contemporâneo*, n.º 74, 1879.